



PERFORMANCE É RISCO

A 15ª edição do Videobrasil inclui importantes trabalhos de artistas que testam, ao vivo diante do público, as fronteiras desta forma de expressão e os limites da arte
POR FERNANDO OLIVA

Se existe um tipo de expressão que notoriamente conseguiu escapar a uma definição mais rígida ao longo da história da arte, este é a performance. Apesar de ser geralmente associada a qualquer ação realizada ao vivo por um artista, certamente sua natureza anárquica impediu que ela se acomodasse a uma categorização definitiva, uma vez que entre suas características está o desafio sistemático ao tradicional e consagrado. Recorrendo a uma combinação de elementos do teatro, da música, do cinema e, apenas em alguns casos, das artes plásticas, a performance surgiu para colocar em xeque as ideias que temos sobre o que é arte, qual o papel do artista e de que maneira ele deve se posicionar publicamente — seja ao se afastar dos ambientes controlados das galerias e museus, seja ao negar o objeto tradicional (pinturas e esculturas, por exemplo) e buscar uma relação direta com o espectador.

Em mais uma oportunidade para voltar a discutir o assunto e todas as contradições inerentes a ele, a 15ª

edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, concebido pela curadora Solange Farkas, adota o "risco" como tema e promove, em São Paulo, entre os dias 6 e 25, uma extensa programação marcada pela exibição de performances ao vivo (caso das artistas internacionais Coco Fusco, Melati Suryodarmo e Ingrid Mwangi) e dos coletivos brasileiros Frente 3 de Fevereiro, feitoamãos/F.A.Q. e Chelipa Ferro, além de Marco Paulo Rolla e da dupla Ângela Detanico/Rafael Lain) e retrospectivas históricas (módulo no qual se destaca uma série de 19 videoperformances emblemáticas da servo-croata Marina Abramović, uma artista que transformou o "risco" em palavra de ordem e tensionou ao extremo os limites entre sua vida e sua arte).

No século 20, a ideia de performance e sua prática como gênero artístico atravessaram diversos movimentos, desde o Futurismo nos anos 1910 (notadamente o poeta, artista e dândi Tommaso Marinetti, com a apresentação da peça futurista *Bonecas Elétricas* em Turim) até as recentes manifestações em novas mídias,

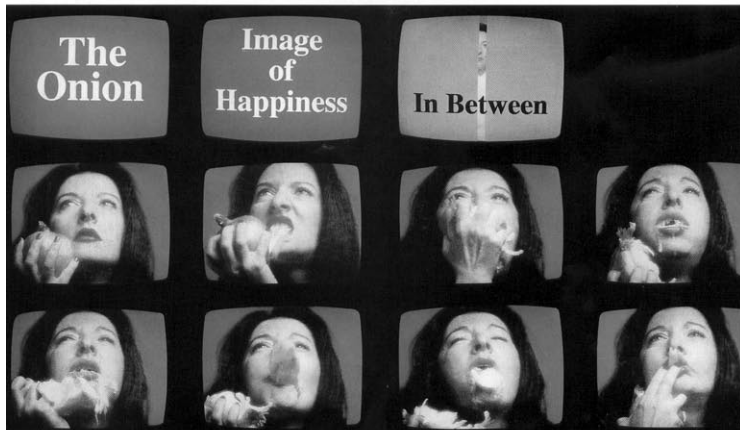
O brasileiro Marco Paulo Rolla apresenta, dia 22, no Sesc Pompéia, *Urgência Social*, que discute as transformações na afetividade; na foto, *Comfortable*, trabalho de 1998

passando pelas vanguardas do Construtivismo, Dadaísmo (Cabaret Voltaire) e Surrealismo. Contudo, o termo só surgiu com esta denominação dentro do universo da arte contemporânea entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970. Como toda disputa no campo da cultura, sua paternidade envolve questões geopolíticas. Para os franceses, Yves Klein deve ser situado na gênese da ideia contemporânea de performance, com a celebre fotomontagem *Salto no Vazio* e com as *Antropometrias* (ao som de uma orquestra tocando música minimalista, três modelos nus cobertas de tinta azul faziam imprimir parte de seus corpos em telas, que a seguir seriam emolduradas pelo artista), ambas criações de 1960. Já os americanos colocam Jackson Pollock na origem de tudo, em uma leitura que privilegia o vocabulário gestual do Expressionismo Abstrato e o caráter performático (sua postura corporal e movimentação em torno da tela,

Crítica aos EUA e à guerra

Na programação do Videobrasil, uma das performances imperdíveis é a de Melati Suryodarmo (artista da Indonésia radicada na Alemanha, que integrou o coletivo de Marina Abramović, Independent Student Group). Em *Exergie – Butter Dance*, a artista tenta caminhar, usando salto alto, sobre uma superfície coberta com grossas camadas de manteiga, na iminência da queda. "Prendo tocar a fluida fronteira entre o corpo e seu entorno. Quero algo concentrado de intensidade, sem apelar ▶

The Onion, videoperformance de Marina Abramović, artista que transformou o risco em palavra de ordem e tensionou ao extremo os limites entre sua vida e sua arte



Um clássico: os parangolés de Hélio Oiticica, do final dos anos 60, integram corpo, pintura, cor, música e dança



Em *Exergie – Butter Dance*, a artista Melati Suryodarmo tenta caminhar, usando salto alto, sobre uma superfície coberta com grossas camadas de manteiga

Momentos históricos da performance

Cabaret Voltaire. A dançarina de cabaré Emmy Hennings e seu marido, o artista Hugo Ball, ambos alemães, fundaram em Zurique este que seria o *point* dos dadaístas. Aberto em fevereiro de 1916, durou apenas cinco meses, mas as ações lá realizadas por Tristan Tzara, Jean Arp e outros causaram choque e entraram para a história como propostas pioneiras de antiarte, influenciando movimentos como o Surrealismo e o Fluxus.

Chris Burden. Um dos protagonistas do que se convencionou chamar *body art* e suas operações de automutilação e uso do corpo como objeto da arte, o norte-americano Chris Burden realizou uma série de experiências radicais, fazendo-se crucificar (sobre o capô de um fusca), ser eletrocutado e quase morrer afogado. Em *Shoot* (1971), pede a um colega que atire em seu braço esquerdo. Em *Through the Night Softly* (1973), rasteja com o torso nu sobre cacos de vidro.

Marina Abramović. Artista que encarna visceralmente a noção do risco (tema deste Videobrasil), a servo-croata Marina realizou em 1977 *Breathing In/Breathing Out*, em que estabelece uma relação de simbiose com seu parceiro Ulay. Sentados ambos de joelhos, de frente um para o outro, os lábios unidos, tendo as narinas tampadas por filtros de cigarro, dependem um do outro para respirar. Como sempre em suas ações, vão até o limite das forças e terminam exaustos, após 19 minutos de inspiração/expiração conjunta.

Hélio Oiticica. Os parangolés do artista brasileiro (tendas, estandartes, bandeiras e capas de vestir, criados no fim dos anos 60) dependem do movimento humano para existir e conquistar seu lugar no mundo. Pressupõem uma manifestação cultural coletiva e integram corpo, pintura, cor, música e dança. No limite, a arte e a vida.

▶ para o uso de estruturas narrativas. Eu amo quando a performance chega a um nível real de absurdo", disse Melati a BRAVO! sobre sua obra.

O trabalho da americana Coco Fusco para o festival, *Bare Life Study*, consiste em citar um dos flagelos comuns impingidos pelos soldados americanos a seus prisioneiros de guerra pelo mundo: limpar a cela com uma escova de dentes. Segundo Fusco, será escolhido um prédio emblemático do poder norte-americano em São Paulo, o consulado ou uma multinacional, e a performance será executada com voluntários, que devem limpar a calçada e demais aparatos urbanos diante do edifício. "Este trabalho inaugura uma nova fase em minha trajetória: a exploração dos cenários militares contemporâneos como lugar de encontros interculturais", afirmou Fusco a BRAVO!

A performance sempre funcionou como uma possibilidade propulsora na história da arte. Como lembrou a historiadora norte-americana RoseLee Goldberg,

sempre que alguma escola, seja o Cubismo ou a arte conceitual, chegava a um impasse, os artistas se vailam da prática como uma ferramenta de arrebentar categorias, abrindo a força o caminho para novas propostas. Neste sentido, podemos apontar para os americanos Matthew Barney e Paul McCarthy e o italiano Maurizio Cattelan como os grandes performers contemporâneos, bem-sucedidos na tentativa de criar universos estéticos e conceituais muito próprios, com obras de forte acento político, marcadas pela paródia mas também por uma amarga crítica ao sistema da arte. ■

Onde e quando

15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. De 6 a 25. Sesc Pompéia (rua Clélia, 93, São Paulo, SP. tel. 0+11/3871-7700). Mais informações no site www.videobrasil.org.br.